

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



**TRANSGRESSÕES DO BELO:  
INVENÇÕES DO FEIO NA ARTE  
CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA**

**Ana Nolasco**

DOUTORAMENTO EM FILOSOFIA  
ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE

2010



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



**TRANSGRESSÕES DO BELO:  
INVENÇÕES DO FEIO NA ARTE  
CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA**

**Ana Nolasco**

Dissertação orientada pela  
Professora Doutora Adriana Veríssimo Serrão  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

DOUTORAMENTO EM FILOSOFIA  
ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE

2010



## **RESUMO**

Considerado indigno de ser objecto de análise teórica, o feio era excluído do domínio estético, por um lado, devido à limitação deste domínio ao belo e, por outro, à definição, herdeira da tradição metafísica, do feio como negativo do belo. No séc. XX, com o alargamento do conceito de Arte, esta passou a ser reflexiva e a incluir em si o feio como forma de colocar em questão os seus próprios fundamentos. Se anteriormente era apenas tolerado na arte quando o tratamento estético anulava o seu carácter, o Feio passou, então, a ser integrado precisamente devido ao seu carácter repulsivo. Neste contexto, pareceu-nos evidente que a dicotomia belo/feio – da qual decorre a ideia do feio como mero negativo fantasmático do belo –, se mostrava inadequada para analisar as obras de arte contemporâneas.

Assim, procurámos fundamentar filosoficamente o conceito do feio. Dado que existem tantas formas do feio quantas as suas manifestações sensíveis, tentámos delinear algumas das suas possíveis categorias, segundo uma escala crescente que vai desde o humor ao monstruoso. O humor, a forma mais aristocrática do feio, enquanto risível, apresenta-se sempre sob formas diferentes da norma. Realçando o pormenor, cria um “hiper-real” que materializa todas as hipóteses do real operando, assim um “strip-tease do impossível”. O kinismo é uma forma de desafio ao poder estabelecido, assumindo, na arte, sobretudo um carácter de intervenção social crítico. O grotesco, é uma atitude essencialmente anti-metafísica, fiel ao princípio comunitário da festa e da abolição das hierarquias, procedendo, nesse sentido, ao nivelamento de tudo. Na sua forma artística contemporânea, caracteriza-se, sobretudo, pelo hibridismo e pela noção de “corpo aberto”. A arte abjecta tematiza o papel da abjecção no processo de formação da identidade, quer através da representação directa ou indirecta de materiais considerados abjectos, quer através da representação dos tabus recalcados pela sociedade. O monstruoso, por fim, tematiza a perda do elemento humano, o desaparecimento da diferença numa sistema obcecado pela perfeição, que mais não é do que a morte na sua forma cristalizada.

Deste modo, as formas do feio na arte, ao integrarem em si o material e o impuro e recusando-se a ocultar as forças antitéticas – de cuja expurgação resulta a unidade abstracta e universal –, contestam a homogeneização da sociedade e o seu poder integrador, podendo ser consideradas como momentos de verdade e revitalização da arte contemporânea.

Palavras-chave: o feio; o humor; o cinismo; o grotesco; o abjecto; o monstruoso;  
Eduardo Batarda; João Tabarra; Albuquerque Mendes; Paulo Mendes; Homeostética;  
Paula Rego; Cristina Mateus; João Pedro Vale; Pedro Tudela

## ABSTRACT

Considéré comme indigne de faire l'objet d'une analyse théorique, le laid était exclu du domaine de l'esthétique, en raison de la limitation au beau de ce domaine d'un côté et, de l'autre, à cause de la définition, héritière de la tradition métaphysique, du laid comme le négatif du beau. Au XX<sup>ème</sup> siècle, le concept de l'Art a été élargi, il est devenu réflexif et a commencé à accepter le laid comme une façon de mettre en question ses propres fondements. Si le Laid n'était précédemment toléré dans l'art que lorsque le traitement esthétique annulait son caractère, il a alors été intégré précisément en raison de son caractère répulsif. Dans ce contexte, il nous a paru évident que la dichotomie beau/laid – d'où découle l'idée du laid comme simple négatif fantomatique du beau –, s'avérait inadéquate pour analyser les œuvres d'art contemporaines.

Nous avons ainsi recherché à fonder le concept du laid sur un plan philosophique. Étant donné qu'il existe autant de formes du laid que ses manifestations sensibles, nous avons essayé de délimiter quelques-unes de ses catégories possibles, en fonction d'une échelle croissante qui va de l'humour au monstrueux. L'humour, la forme la plus aristocratique du laid, en tant que risible, se présente toujours sous des formes différentes de la norme. Mettant le détail en valeur, il crée un « hyper réel » qui matérialise toutes les hypothèses du réel et opère de la sorte un « strip-tease de l'impossible ». Le kynisme est une forme de défi au pouvoir établi, qui assume surtout, dans l'art, un caractère d'intervention sociale critique. Le grotesque est une attitude essentiellement anti-métaphysique, fidèle au principe communautaire de la fête et de l'abolition des hiérarchies. Il procède donc au nivellement de toute chose. Dans sa forme artistique contemporaine, il se caractérise principalement par l'hybridisme et par la notion de « corps ouvert ». L'art abject thématise le rôle de l'abjection dans le processus de formation de l'identité, soit par la représentation directe ou indirecte de matières considérées comme abjectes, soit par la représentation des tabous refoulés par la société. Le monstrueux, enfin, thématise la perte de l'élément humain, la disparition de la différence dans un système obsédé par la perfection, qui n'est rien de plus que la mort dans sa forme cristallisée.

De la sorte, dès lors que les formes du laid dans l'art acceptent le matériel et l'impur, et qu'elles se refusent à occulter les forces antithétiques – l'unité abstraite et

universelle résultant de leur épurement –, elles contestent l'homogénéisation de la société et sa puissance d'intégration. Elles peuvent être considérées comme des moments de vérité et de revitalisation de l'art contemporain.

Mots-clés : le laid ; l'humour ; le kynisme ; le grotesque ; l'abject ; le monstrueux, Eduardo Batarida ; João Tabarra ; Albuquerque Mendes ; Paulo Mendes ; Homéosthétique ; Paula Rego ; Cristina Mateus ; João Pedro Vale ; Pedro Tudela



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, à Prof.<sup>a</sup> Doutora Adriana Veríssimo Serrão, pelo acolhimento do meu projecto de investigação, orientação da pesquisa, sugestões, leitura de provas e todo o apoio ao longo do trabalho.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia, que tornou possível a minha dedicação exclusiva a esta tese.

Agradeço também à minha mãe a imprescindível ajuda, a vários níveis, nomeadamente, a disponibilidade e paciência.

## **NOTA PRÉVIA**

Devido à necessidade de ter uma certa distância em relação aos fenómenos artísticos e por questões relacionadas com a planificação e organização, estabelecemos o ano 2008 como limite deste estudo.

## ÍNDICE

Introdução.....p. 11

### I - O feio na estética clássica

I.1- O abismo da insignificância: Platão e o nada ontológico.....p. 17

I.2 - A tensão entre o prazer e a dor: o sensualismo burkeano e a subjectivação das categorias estéticas, o Feio e o Sublime.....p. 25

I.3 - O monstruoso e o colossal: Kant, o juízo estético e o sentimento moral.....p. 35

### II – A vida e o feio

II.1 - O mistério do feio: a híbrida condição humana, Victor Hugo e o Grotesco.....p. 47

II.2 - A fragrância do horror: Baudelaire e o grotesco absoluto.....p. 53

II.3 Dissonâncias: Adorno e a negação do fetichismo da arte através da sua radical autonomia .....p. 59

### III – Categorias do feio na arte contemporânea

III.1 - O humor: a arte da imanência .....p. 87

III.2- O kinismo: Peter Sloterdijk e as formas de subversão do poder.....p. 103

III.3 - A metamorfose e o grotesco carnavalesco de Bakhtine.....p. 135

III.4 - O objecto. Figuras da ambiguidade: o processo de rejeição na formação da identidade social..... p. 159

III. 5 - O monstruoso: o fim da cidade proibida.....	p. 193
<b>IV – <u>Formas do feio na arte contemporânea portuguesa: análise de casos</u></b>	
IV.1 - O humor: Eduardo Batarda; João Tabarra.....	p. 207
IV.2 - O kinismo: Albuquerque Mendes; Paulo Mendes; Pedro Portugal.....	p. 219
IV.3 - O grotesco: Homeostéticos; Paula Rego.....	p. 235
IV.4 - O objecto: Cristina Mateus; João Pedro Vale.....	p. 259
IV.5 - O monstruoso: Pedro Tudela.....	p. 273
<u>Conclusão</u> .....	p. 287
<u>Bibliografia</u> .....	p. 293